

A EXISTÊNCIA DE DEUS NA FILOSOFIA CARTESIANA¹

Ronaldo Braga²

Valdenilson Oliveira Fonseca³

RESUMO

Apresenta os principais pontos argumentativos presentes na terceira meditação metafísica de Descartes. A argumentação fundamenta-se na existência do “eu” pensante, de onde parte para a existência das ideias que dão base ao primeiro argumento de comprovação da existência de Deus. O princípio de causalidade e a presença da marca de Deus nos seres são outros argumentos demonstrados na meditação.

Palavras-chave: Existência de Deus. Descartes. Princípio da causalidade. Ideias. Meditações metafísicas.

1 INTRODUÇÃO

Os Descartes construíram uma família de burgueses radicados na região entre Tours e Poitiers. Por serem dedicados principalmente ao comércio e à medicina, ligando-se aos Sain e aos Brochard, tornaram-se proprietários de terras e ascenderam socialmente, de tal forma que Joachim Descartes, casado com Jeanne Brochard, passou a ostentar o título de conselheiro do rei no Parlamento da Bretanha. Com esse título, ele é identificado na ata de batismo de seu filho René, nascido em La Haye, na Touraine, em 1596.⁴

¹Artigo orientado pelo professor Mestre Raimundo Nonato Araujo Portela Filho.

²Aluno do curso de Filosofia do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

³Aluno do curso de Filosofia do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

⁴DESCARTES, René. *Meditações*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os Pensadores).

De saúde frágil, René passou o início da infância sob os cuidados da avó, Jeanne Sain, pois perdera a mãe com um ano de idade. E, chegando o momento de começar os estudos, o pai enviou-o, em 1606, ao já célebre colégio jesuíta de La Flèche, um estabelecimento de ensino fundado recentemente, mas logo transformado numa das mais renomadas escolas da Europa. Os jesuítas o haviam criado, em 1604, sob a proteção de Henrique IV, que, para essa finalidade, doou-lhes um palácio e amplos recursos. Conscientes do papel que lhes estava reservado numa França pacificada depois de tantos distúrbios políticos e de tantas lutas religiosas, os jesuítas esmeraram-se em sua tarefa de educadores. O colégio recebeu o nome de colégio real e o soberano decidiu que, quando morresse, seu coração deveria ser transladado para lá e ser depositado em sua capela. Isso de fato aconteceu, em maio de 1610, e o jovem Descartes esteve presente às solenidades.⁵

Descartes acreditava que colégios e universidades não ensinavam propriamente a verdade das coisas, mas contentavam-se com a repetição dos ensinamentos dos antigos, principalmente de sua recepção no transcurso da Idade Média. Por isso Descartes fez sua carreira à margem da universidade.⁶

Havia uma profunda inquietação com as formas da filosofia e da ciência reinantes naquela época. Para ele, a ciência e a filosofia estavam esclerosadas, pois tinham como ponto de referência indubitável e verdadeiro a filosofia escolástica, de cunho tomista-aristotélico, como se não mais coubesse a pergunta pela verdade de algo, de uma proposição, mas tão somente uma

⁵Ibid., p. 10

⁶DESCARTES, René. *Discurso do método*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

disputa sobre a interpretação de “verdades” tidas como eternas.⁷

Para Descartes, era necessário resgatar o princípio da filosofia, que implicava um pensamento autônomo, livre de quaisquer amarras e, sobretudo, livre de toda espécie de preconceito.⁸

Descartes propugnava por um pensamento jovem, aberto à crítica e aos questionamentos, capaz de exercer uma dúvida cética e de resistir à mesma dúvida graças a uma razão aberta ao questionamento de seus próprios princípios. Ele lutava por um mundo onde a fé não ordenasse as relações humanas, mas ficasse confinada a um lugar específico, ao do culto de cada um, não invadindo as esferas dos costumes, da política, da filosofia e da ciência em geral. Moderno, ele defende a ideia de que a razão deveria permear todos os domínios da vida humana, numa atividade libertadora, voltada contra as mais diversas formas de dogmatismo. Em 1641, aparece o livro “Meditações Metafísicas”. Escrito em latim para conquistar outro ramo da sociedade e assim ser admitido nos meios letrados.⁹

Nesse livro, ele se defronta com as grandes questões da filosofia primeira. Aplica seu método ao conhecimento de Deus e à demonstração da imortalidade da alma mediante a separação desta como diferente do corpo. Se o pensamento é uma propriedade essencial da alma, enquanto a extensão é do corpo, então um pode existir sem o outro. Para ele, mente, espírito, alma e razão são sinônimos. O corpo é extensão, sendo que essa propriedade não poderá ser

⁷Ibid., p. 6.

⁸Ibid.

⁹Ibid., p. 12.

aplicada à alma.¹⁰

Nesta obra, Descartes aprofunda as suas provas da existência de Deus, explorando-o racionalmente. Com isso, a razão já não admite limites, senão aqueles que ela mesma se dá. Essa disciplina chamar-se-á teologia natural ou filosofia primeira. Nada mais é considerado sagrado.¹¹

O principal objetivo deste artigo é demonstrar as provas da existência de Deus desenvolvidas na filosofia cartesiana. Ou seja, o sistema filosófico, constituído por Descartes, parte de conceitos como: a existência do eu, e a existência das ideias para a formulação de argumentos que comprovem a existência de Deus. A principal obra utilizada na produção deste artigo foi “Meditações”, uma das mais importantes obras concebidas pelo pensador que contém cerca de seis meditações que abordam vários temas¹², entre eles “de Deus; que ele existe”, abordado com maior profundidade neste trabalho.

2 DA EXISTÊNCIA DO EU

Ao colocar todas as coisas em dúvida na meditação anterior, Descartes não contentou-se e não conseguiu esquecer as dúvidas. Desse modo, percebeu que não havia conseguido resolver todos os questionamentos, pois não encontrava mais certeza nas coisas. Logo, decidiu mergulhar por inteiro em seu projeto de pesquisa para descobrir algo seguro. Para

¹⁰Ibid., p. 13

¹¹Ibid., p. 14

¹²Cf. “das coisas que se podem colocar em dúvida”, “da natureza do espírito humano; e de como ele é mais fácil de conhecer do que o corpo”, “do verdadeiro e do falso”, “da essência das coisas materiais; e, novamente, de Deus, que ele existe”, “da essência das coisas materiais e da distinção real entre a alma e o corpo do homem”. (DESCARTES, 1979, op. cit., p. 79-141).

encontrar tal certeza foi preciso afastar-se de todas as coisas que o rodeavam a fim de perceber algo concreto.

[...] Esforçar-me-ei, não obstante, e seguirei novamente a mesma via que trilhei ontem, afastando-me de tudo em que poderia imaginar a menor dúvida, da mesma maneira como se eu soubesse que isto fosse absolutamente falso; e continuarei sempre nesse caminho até que tenha encontrado algo de certo, ou, pelo menos, se outra coisa não me for possível, até que tenha aprendido certamente que não há nada no mundo de certo.¹³

Dessa forma, suas pesquisas filosóficas se constituem na dúvida, para que assim chegasse a um determinado fim, que é a certeza. Dessa maneira, ele poderia construir suas razões para poder, assim, avançar no desenvolvimento de sua pesquisa, que é a ciência.

Como Descartes estava profundamente submerso em suas meditações, ele propõe-se a duvidar de todas as coisas. O filósofo supõe que todas as coisas são falsas, e que em sua memória não existe nada a não ser falsas lembranças, que não existe nenhum sentido em seu ser. Ele faz o seguinte questionamento a si mesmo: o que poderia existir de verdadeiro? Em seguida, também esclarece, dizendo que não há nada no mundo de certo. Descartes não se satisfaz e levanta novamente questionamentos sobre si mesmo. Para chegar à primeira verdade, o pensador problematiza da seguinte forma:

¹³DESCARTES, 1979, op. cit., p. 91.

Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo.¹⁴

Com esses questionamentos, Descartes lança dúvida sobre a própria existência. Ora, ele questiona seu próprio ser, mas, logo depois, chega à conclusão de que de fato ele existe, chegando ao ponto de convencer-se a si mesmo, de que seu “eu” é sem dúvida algo permeado de concretude existencial. Para alcançar esta certeza, Descartes primeiro cogita a existência de um ser enganador, que se dedique continuamente à tarefa de enganá-lo. Mesmo levando em conta este fator, Descartes permanece firme na certeza de que de fato existe, pois, um ser que duvida e é enganado, inevitavelmente precisa existir, pois para que exista um ser que seja enganado, ele necessariamente precisa existir. Portanto, o simples fato de duvidar é capaz de sustentar a existência do ser, sendo assim: penso, logo, existo.

Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui artiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa.¹⁵

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid., p. 92.

3 DA EXISTÊNCIA DAS IDEIAS

Para a realização de suas abstrações em torno de si, Descartes realiza uma espécie de *introspecção*¹⁶, de forma a estabelecer com o seu interior uma autoanálise, permitindo-lhe adquirir um conhecimento maior sobre si próprio. É a partir desta autoanálise que Descartes consegue estabelecer um conceito sobre si mesmo.

Fecharei agora os olhos, tamparei meus ouvidos, desviar-me-ei de todos os meus sentidos, apagarei mesmo de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais, ou, ao menos, uma vez que se pode fazê-lo, reputá-las-ei como vãs e como falsas; e assim, entretendo-me apenas comigo mesmo e considerando meu interior, empreenderei tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo. Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida que afirma, que nega, que conhece poucas coisas, que ignora muitas, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente.¹⁷

O conceito estabelecido de si mesmo, adquirido pelo método de introspecção, fundamenta-se em fatores de aspecto sensitivo e emocional. Os fatores sensitivos relacionam-se às abstrações legadas aos cinco

¹⁶Cf. Auto-observação interior, observação que o eu faz dos próprios estados internos. Esse termo foi introduzido pela psicologia do séc. XIX para designar o método psicológico fundamental, considerado insubstituível até o advento do behaviorismo. (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 580-581.).

¹⁷DESCARTES, 1979, op. cit., p. 99.

*sentidos*¹⁸, que são passíveis de questionamentos. Isso ocorre quando se compreende que estas abstrações são susceptíveis a distorções, de forma a apresentarem fragilidade e inconsistência. Os fatores emocionais referem-se a sentimentos e sensações que são geradas e residem no interior do indivíduo.

No texto, Descartes leva a questionamento os conhecimentos tanto da esfera sensitiva quanto emocional, com o fim de averiguar a possibilidade do conhecimento. Tal atitude o leva a estudar a possível existência de um Deus com o poder de conferir-lhe uma natureza que o engane, mesmo nas coisas mais óbvias e simples. No entanto, isso não seria o bastante para excluir o fato de sua existência, a julgar que, embora acredite em coisas possivelmente falsas, a faculdade de pensar ainda assim não é excluída, e este é um fato que serve de comprovação da existência do indivíduo. Nesta certeza, Descartes afirma que não há razão que o convença de acreditar que haja um Deus enganador, pois se este fato tem procedência, deve-se reconhecer a impossibilidade da verdade para os homens, porque desta forma nunca se terá certeza da verdade.

E por certo, posto que não tenho nenhuma razão de acreditar que haja algum Deus que seja enganador, e mesmo que não tenha ainda considerado aquelas que provam que há um Deus, a razão de duvidar que depende somente desta opinião é bem frágil e, por assim dizer, metafísica. Mas a fim de poder afastá-la inteiramente, devo examinar se há um Deus, tão logo a ocasião se apresente; e, se achar que existe um, devo também examinar se ele pode ser enganador: pois, sem o conhecimento

¹⁸Os cinco sentidos aqui referem-se à visão, audição, tato, olfato e paladar.

dessas duas verdades, não vejo como possa jamais estar certo de coisa alguma.¹⁹

Estando certo da inexistência de um Deus enganador, em virtude da ausência de razões que a comprovem, é possível seguir admitindo a existência de um Deus não enganador. Este fato torna então possível o conhecimento. Certos disso há a possibilidade de averiguar a veracidade ou falsidade dos gêneros de pensamento. Para realizar este ato, torna-se necessário conceituar o significado de pensamento. Para Descartes, o pensamento é a imagem das coisas, às quais dá-se o nome de ideia. Seguindo essa lógica, o pensamento seria sinônimo de ideia.

A partir de concepções próprias, cada indivíduo atribui às ideias adereços que as preenchem de sentido. A estas atribuições se dá o nome de juízo, afecções ou vontades. As ideias por si mesmas são verdadeiras se a análise deste contexto partir do seguinte ponto de vista: quando se imagina uma coisa ou outra, relacionando-as a determinados fatores da realidade, ainda sim é fato verdadeiro ter uma ideia sobre estes fatores. A verdade da existência de uma ideia está relacionada com a capacidade que o indivíduo tem de pensar, pois é por meio dela que são gerados os nossos conceitos, baseados naquilo que se abstrai do meio, através de nossos sentidos ou com o uso de nossa cognição. É o que conceitua Descartes sobre a ideia.

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àquelas convém propriamente o nome de ideia.

¹⁹DESCARTES, 1979, op. cit., p. 100.

[...]. No que concerne às ideias, se as consideramos somente nelas mesmas e não as relacionamos a alguma outra coisa, elas não podem, propriamente falando, ser falsas; pois quer eu imagine uma cobra ou uma quimera, não é menos verdadeiro que eu imagino tanto uma quanto a outra.²⁰

Quanto às afecções ou vontades, também não se pode afirmar que sejam falseadas, pois ainda que se atribuam características ou sentidos às coisas, é fato que tais atribuições e sentidos existem. Estas questões permitem explicar a subjetividade que cada indivíduo tem, pois todos passam por experiências diferentes e a partir delas são construídas as próprias concepções e conceitos, que podem ser ou não verdadeiros. Quando são falsos, não excluem a verdade de sua existência, sendo então verdadeiros, pelo menos no tocante a este aspecto. Sobre o juízo é importante frisar que tal conceito é tão somente uma comparação, que procura encontrar conformidade entre as nossas ideias e tudo aquilo que está fora de nós.

Descartes lança em sua obra uma comparação, que relaciona as ideias produzidas a partir dos sentidos e algumas ideias produzidas por meio da cognição. Nesta comparação, é estabelecida uma relação de contrariedade no que concerne à existência das ideias produzidas por ambos os meios. Assim, as ideias provenientes dos sentidos são verdadeiras, quanto a sua existência, enquanto que aquelas resultantes da cognição são abstratas ou irreais, pois não apresentam substância, tornando-se inexistentes no campo físico.

²⁰Ibid., p. 101.

[...] conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa, uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e enfim parece-me que as sereias, os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito.²¹

3 ARGUMENTOS ACERCA DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Descartes parte do pressuposto da existência das ideias para fundamentar a existência de Deus. E conceitua-o como um ser de substância superior a sua, estando além de suas limitações humanas. Portanto, Descartes se julga incapaz de gerar por si mesmo, de maneira independente, uma ideia de substância infinita como a de Deus. Logo, é necessário para a formulação de uma ideia infinita um ser infinito que a gerasse. E este ser infinito formador de ideias infinitas é o próprio Deus, que também é o responsável por colocar em Descartes esta ideia infinita de Deus. Desta maneira, afirma-se que a ideia de Deus só é possível pela existência do próprio Deus, pois sem Ele esta ideia jamais existiria. É o que Descartes afirma no seguinte fragmento:

Portanto, resta tão somente a ideia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter provindo de mim

²¹Ibid.

mesmo? Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas. Ora, essas vantagens são tão grandes e tão eminentes que, quanto mais atentamente as considero, menos me persuado de que essa ideia possa tirar sua origem de mim tão somente. E, por conseguinte, é preciso necessariamente concluir, de tudo o que foi dito antes, que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita.²²

A existência de Deus em Descartes também é afirmada a partir do princípio da existência das coisas que formam duplas, de sentido e essência opostas (o divino e o profano, a luz e as trevas, o forte e o fraco). Logo, Descartes parte da certeza de sua existência, em virtude de constituir-se um ser de substância finita para a existência de Deus, um ser de substância infinita. Portanto, Descartes só poderia existir se houvesse um outro ser, de substância infinita. Assim, pode-se afirmar que a existência de Deus é algo muito mais consistente que a própria existência de *Descartes*.²³

Deus sendo um ser infinito sustenta a existência dos seres finitos.

²²Ibid., p. 107-108.

²³A palavra "Descartes" aqui empregada não faz alusão tão somente ao próprio pensador, mas refere-se também aos seres de substância finita. Portanto, este termo remete à universalidade dos seres finitos representados neste único termo.

E não devo imaginar que não concebo o infinito por uma verdadeira ideia, mas somente pela negação do que é finito, do mesmo modo que compreendo o repouso e as trevas pela negação do movimento e da luz: pois, ao contrário, vejo manifestamente que há mais realidade na substância infinita do que na substância finita e, portanto, que, de alguma maneira, tenho em mim a noção do infinito anteriormente à do finito, isto é, de Deus antes de mim mesmo. Pois, como seria possível que eu pudesse conhecer que duvido e que desejo, isto é, que me falta algo e que não sou inteiramente perfeito, se não tivesse em mim nenhuma ideia de um ser mais perfeito que o meu, em comparação ao qual eu conheceria as carências de minha natureza?²⁴

A existência da dúvida humana também serve como uma via de sustentação para a confirmação da existência de Deus. Ao levantar a hipótese de o homem ser a causa de si mesmo, certamente ele não apresentaria em sua constituição o fato da dúvida, pois o homem seria profundo conhecedor de si mesmo, a julgá-lo como sendo autor de seu próprio ser. Desta forma, vale afirmar que a presença da dúvida na constituição do homem, é base para a certeza de que o homem não é a causa de si mesmo. Desse modo, é possível afirmar que se o homem não é causa de si mesmo, logo, ele é um ser causado por um outro ser. Este ser que é causa do homem também deve ser causa de todas as coisas, já que ele é a origem de todas as causas inclusive da sua própria. Ele certamente é perfeito, uma vez que é causa de si mesmo e de tudo o

²⁴Ibid., p. 108.

que existe, logo, é conhecedor de si e de tudo o que há. Em vista disso, não há em sua constituição o fato da dúvida, que é um defeito que só está presente nos seres causados. Por conseguinte, o ser causador de tudo não possui este defeito, portanto, nesta perspectiva, este ser é perfeito. No entanto, é preciso admitir que a perfeição só existe em plenitude, pois se não é plena, dá espaço à imperfeição e se há imperfeição não é perfeito. Assim, podemos afirmar que o ser causador de tudo é plenamente perfeito. E a única ideia de plena perfeição que Descartes afirma ter é a de Deus.

Ora, se eu fosse independente de todo outro ser, e fosse eu próprio o autor de meu ser, certamente não duvidaria de coisa alguma, não mais conceberia desejos e, enfim não me faltaria perfeição alguma; pois eu me teria dado todas aquelas de que tenho alguma ideia e assim seria Deus²⁵.

A existência de Deus é claramente afirmada partindo do conceito de Deus, formulado e entendido por Descartes, que encerra o seu pensamento afirmando a sua semelhança com Deus o seu causador. A ideia de Deus concebida por Descartes é interpretada como sendo a verdadeira semelhança e imagem de Deus com o homem, como uma marca impressa do criador na criatura.

E certamente não se deve achar estranho que Deus, ao me criar, haja posto em mim esta ideia para ser como que a marca do operário impressa em sua obra; e não é tampouco necessário que essa marca

²⁵DESCARTES, 1979, p. 109.

seja algo diferente da própria obra. Mas pelo simples fato de Deus me ter criado, é bastante crível que ele, de algum modo, me tenha produzido à sua imagem e semelhança e que eu conceba essa semelhança (na qual a ideia de Deus se acha contida) por meio da mesma faculdade pela qual me concebo a mim próprio [...] ²⁶

4 CONCLUSÃO

Descartes afirma a existência de Deus como algo necessário para a confirmação da possibilidade do conhecimento, que para o homem só é viável a partir da permissão de Deus, uma vez que ele possui o poder de idealizar o homem com uma natureza que o engane impedindo qualquer possibilidade do homem conhecer. Se assim fosse, haveria motivos para acreditar que este é um Deus enganador. No entanto, Descartes não encontra qualquer razão que o faça acreditar na existência de um Deus enganador, de forma que o conhecimento, neste contexto, configura-se como algo perfeitamente possível, no que se refere à inexistência de um Deus enganador.

Descartes se vale da existência de si e das ideias para a fundamentação dos argumentos que utiliza na tarefa de comprovar a existência de Deus. A existência das ideias é fundamental, pois, a partir disso é possível trabalhar a ideia infinita de Deus, que só poderia haver com a existência de um ser infinito, visto que uma ideia infinita só seria possível de ser cunhada por um ser

²⁶ Ibid., p.112.

infinito e este ser infinito é o próprio Deus. Ele é causa de todas as coisas. Esta afirmativa pressupõe o que se pode chamar de princípio da casualidade, fundamental na filosofia cartesiana, figurando entre os principais argumentos de comprovação da existência de Deus. Entre estes argumentos, há outros, como a marca de Deus nos seres, que constituem o sistema filosófico cartesiano contribuindo para a certeza da real existência de Deus.

THE EXISTENCE OF GOD IN CARTESIAN PHILOSOPHY

ABSTRACT

It is sought to present main argumentative points presented in the third metaphysical meditation of Descartes. The argumentation is based on the existence of the thinking "I", from which it starts for the existence of the ideas that are the basis to the first argument of proof of the existence of God. The principle of causality and the presence of God's mark on beings are other arguments in the meditation.

Key words: Existence of God. Descartes. Principle of causality. Ideas. Metaphysical meditations.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola: **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DESCARTES, René: **Discurso do método**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. **Meditações**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 317p. (Coleção os Pensadores).